



HENRI HELLO

A MAÇONARIA NA EUROPA

DESDE AS ORIGENS À REVOLUÇÃO FRANCESA

eBooksApeiron

Título

A Maçonaria na Europa
desde as Origens à Revolução Francesa

Autor

Henri Hello

Capa, Grafismo e Arte Final

Apeiron-GraphicPrint

Março 2018

ISBN 978-989-8447-56-2

Projecto Apeiron - Apeiron edições

www.apeiron-edicoes.com

apeiron.edicoes@gmail.com

Sinopse

A Franco-Maçonaria deve a sua origem a vários grupos ocultos que se movimentaram em Londres no início do século XVIII. A maçonaria foi o culminar de um longo processo de aglutinações e dissidências das várias doutrinas e ritos praticados pelas sociedades secretas que coabitavam em todos os países da Europa.

Gnósticos, maniqueus, cátaros, templários, rosa-cruz e judeus são a fonte de onde a maçonaria bebeu o seu corpo doutrinário, expandindo-se até aos dias de hoje. Primeiro Inglaterra e depois França... Portugal não escapou a estes ventos de mudança de onde se destaca Marquês de Pombal, mister em executar o plano que se urdia na sombra do poder real.

Com esta obra o leitor ficar a saber um pouco mais sobre o plano originário e o modo de execução desta sociedade secreta multifacetada que assola, na actualidade, todas as estruturas de poder de uma nação.

Sobre o Autor

Henri Hello, autor desta obra, é tido como um escritor consciencioso e erudito, versado nas áreas histórico-sociais e humanista.

A Maçonaria na Europa é um livro que se caracteriza por ser bem documentado e os factos que nele são transcritos salientam os intuítos anti-religiosos e anti-sociais das “lojas” que se expandiram no mundo. O autor, naturalmente, escreve sem regatear o esforço e o empenho de retratar fielmente, com factos e escritos dos seus mais fiéis representantes, o verdadeiro rosto da “seita maçónica”. À medida que lemos este livro, com as informações históricas que nos são facultadas, deparamo-nos com os planos e a obra sinistra desta sociedade secreta que, desde os seus inícios, no século XVIII, tem vindo a expandir-se inexoravelmente pelo mundo e cujo raio de acção e influências não param de aumentar. Várias foram as revoluções fomentadas e alimentadas pela Maçonaria no continente europeu (e não só) com contornos estranhos e obscuros.

De alguns anos para cá várias têm sido as obras publicadas sobre a Maçonaria, e, de um modo particular, sobre os seus mistérios, cultos e rituais. Mas pouco se sabe sobre a sua origem e orientação política, social e mesmo religiosa e, ainda menos, sobre o plano que incide nas suas actividades paralelas ao poder que influenciam algumas pessoas bem colocadas e com perfil para a execução dos seus objectivos.

É esta a informação que deixamos aos nossos leitores que se interessam pela história de uma das mais poderosas sociedades secretas da actualidade.

Índice

Introdução

As origens da Franco-Maçonaria

- | | |
|--|----|
| 1. Primeira manifestação da franco-maçonaria | 7 |
| 2. Os antepassados dos franco-maçons | 10 |
| Conclusão | 22 |

Capítulo I

A acção maçónica no século XVII

- | | |
|---|----|
| 1. A doutrina e os projectos da Franco-Maçonaria no século XVII | 25 |
|---|----|

Capítulo II

A invasão da Franco-Maçonaria no século XVIII

31

Capítulo III

Os Filósofos. Voltaire e a Franco-Maçonaria

34

Capítulo IV

Destruição pela Franco-Maçonaria, no século XVIII, do ensino cristão livre e das Ordens encarregues do ensino

I – Plano maçónico contra a Igreja – Guerra aos religiosos.

Complot contra os Jesuítas 38

II – Execução do *complot* maçónico em Portugal 43

III – Execução do *complot* maçónico na França 46

A – Os agentes da perseguição aos jesuítas da França 46

B – Destruição da Ordem dos Jesuítas em França
no reinado de Luís XV 53

C – O destino dos bens dos Jesuítas 55

IV – Execução do <i>complot</i> maçónico em Espanha, em Nápoles e na Áustria	57
---	----

Capítulo V

A Franco-Maçonaria e o ensino laico no século XVIII

I – Plano das Lojas para substituir o ensino cristão pelo ensino ateu, chamado laico	61
II – M. de La Chalotais. O seu ensaio do plano de estudos	63
III – Execução do plano maçónico. O ensino do Estado	68

ADENDA

Os Estatutos Secretos de Roncelinus e a grande falsificação urdida pela Maçonaria

– também conhecidos como <i>Manuscrito de Hamburgo</i> – <i>por Eduardo Amarante</i>	76
---	----

Introdução

AS ORIGENS DA FRANCO-MAÇONARIA

1. A primeira manifestação da franco-maçonaria

A franco-maçonaria manifesta-se pela primeira vez em Londres, no ano de 1717, por meio da constituição da *Grande Loja de Inglaterra*, que se compõe:

- de um grupo de homens de letras, o rev. James Anderson, Georges Payne, o médico Desaguliers, etc.;
- e de alguns senhores, entre os quais lord Montagu.

Uns e outros fundam a *Grande Loja de Inglaterra* com os elementos de quatro lojas que existiam antes, e de cujo número eles próprios faziam parte.

Em 1723, e sob o título *As constituições dos franco-maçons*, Anderson dá a público os seus Estatutos. Embora lhes sejam introduzidos elementos novos, conservam bastantes dos antigos, sobretudo as formas exteriores da grande corporação da Idade Média, que usava, na Inglaterra, o nome de *free-masons*.

Que vinham a ser estes *free-masons*?

Na Idade Média, os operários do mesmo ofício formavam, agrupando-se, *Compagnonnages*. Estas espécies de corporações eram muitas vezes regionais; algumas delas alastravam de um país para outro. Os primeiros “companheiros” formaram-se entre os operários da construção civil, obrigados, mercê da própria natureza do seu trabalho, a deslocar-se e a viajar. Tinham sinais particulares para se reconhecerem, e palavras de passe. Eram dados a segredos

profissionais, garantidos por juramento.

Uma das mais célebres “compagnonnages” é, na Alemanha, a dos *Steinmetzen*, que edificaram a catedral de Estrasburgo e muitos dos monumentos dos séculos XIV e XV.

A corporação inglesa dos *free-masons* parece ter sido um ramo dos *Steinmetzen*, estabelecidos na Inglaterra.

Escreve M. Claude Jannet em *Les Précurseurs de la Franc-Maçonnerie*: “Até meados do século XVI, os *free-masons* formavam uma grande corporação de construção civil, que se distinguia cuidadosamente dos pedreiros ordinários (*rough masons*) e conservava, juntamente com os segredos da sua arte, sinais particulares de reconhecimento e lendas a respeito da história do seu mister.”

O seu centro, loja-mãe dos *free-masons*, era em York.

Para os fins do século XVI, começaram a ser admitidas na corporação dos *free-masons* pessoas estranhas à arte da construção civil.

Diversos manuscritos da época falam em homens de letras, senhores, pastores protestantes. Eram chamados *free and accepted masons*.

Os *free-masons* tinham na Escócia, desde a Idade Média, lojas numerosas, em que foram admitidos muitos estrangeiros no decorrer do século XVII.

A corporação inglesa dos *free-masons* passou por uma verdadeira transformação interna no século XVI. Até essa época, como se prova pelos estatutos, a religião católica era respeitada e seguida. Ora os manuscritos ingleses dos *free-masons* do século XVI já não fazem menção alguma do culto católico. Foi precisamente durante este século que os elementos estrangeiros invadiram a corporação e lhe

alteraram o espírito. A *franco-maçonaria* do século XVIII dever-lhe-á a sua forma externa, o seu nome e outros diversos elementos.

Com efeito, quando Anderson e os seus amigos fundam, em 1717, a *Grande Loja de Inglaterra*, em Londres, a loja-mãe dos *free-masons*, de York, longe de protestar, aceita a sua direcção... As lojas da Escócia, fundadas pelos *free-masons*, acolhem perfeitamente o sectário Anderson, que as visita em 1721. A loja-mãe da Escócia, estabelecida em Kilwinning, acha-se em comunidade de doutrina com as lojas-mães de Londres e York.

Quais eram as suas doutrinas comuns?

Escreve Claude Jannet: “A Franco-Maçonaria aparece desde a sua primeira hora com todo o programa doutrinário a cuja realização ia assistir o século XVIII.”

Os dois princípios das *Constituições dos franco-maçons*, publicadas por Anderson em 1723, são o *deísmo* negativo e a religião chamada *natural*.

Este *deísmo* é a *negação da revelação*, a *independência* do espírito humano perante a fé. A *religião natural*, segundo as *Constituições* de Anderson, é a *independência da moral* perante o dogma e a moral revelada. *A loja* [dizem elas] *está aberta aos homens de todas as religiões, porque a moral ali ensinada é superior a todas, e permite praticar a virtude sem se embaraçar com as suas prescrições.*

O primeiro livro publicado sob os auspícios das Lojas, em 1720, intitula-se *The Long Livers*. Reproduz as mesmas doutrinas das *Constituições* escritas pelos adeptos. O verdadeiro autor do *Long Livers* é Camber, que adopta contudo o pseudónimo de *Philaethes Junior*.

A Franco-Maçonaria propaga-se com prodigiosa rapidez na Grã-Bretanha e no continente.

A partir de 1721, as primeiras lojas são fundadas por ingleses em França e na Bélgica; em Paris em 1725; em Bordéus em 1732; em Valenciennes em 1733; no Havre em 1733. Estas lojas não estão ainda unidas entre si no continente, dependem da loja-mãe de Londres.

Em 1735 uma deputação das lojas de Paris pede a união. Em 1743 a *Grande Loja de Inglaterra* passa o respectivo diploma de autorização. A primeira *loja central*, em França, chama-se *grande loja inglesa de França*. Os dois grão-mestres são lords ingleses.

2. Os antepassados dos franco-maçons

A Franco-Maçonaria tem raízes no passado. Possui outros antepassados além dos *free-masons*, de quem conserva directamente a organização exterior. Outras sociedades secretas existiram antes dela.

É mister recuar a tempos remotos e ver, em primeiro lugar, se, na época de Anderson e da fundação da *Grande Loja de Inglaterra*, não haveria qualquer sociedade, oculta aos olhos dos profanos, que tivesse em mira o mesmo fim da Maçonaria, imbuída das mesmas doutrinas e cúmplice dos sectários.

1. *Os deístas ingleses* – Existia então na Inglaterra uma escola chamada *filosófica*, e conhecida sob a designação de *deístas ingleses*. Os mais conhecidos são Toland, Bolingbrooke, Tindall e Wolston.

Nos seus numerosos escritos, Toland tomara a peito sobretudo *negar a divindade de Jesus Cristo* e proclamar a *religião natural*

no sentido que já indicámos, isto é, a *moral independente*. Sem revelar segredos que os comprometessem, os *deístas* esforçavam-se por propagar os princípios que os franco-maçons inculcavam aos seus adeptos. Maçons e *deístas* faziam parte do mesmo *sindicato* anti-religioso e anti-social. Anderson, Desaguliers, Georges Payne eram da escola dos *deístas*, pelas suas palavras e pelos seus escritos. Por outro lado, os *deístas* tinham *reuniões* íntimas, narradas por Toland no seu *Pantheisticon*. Só composta pelos iniciados, esta obra foi impressa em segredo e publicada misteriosamente pelo famoso deísta em 1720.

Toland relata-nos aí o que se passava nas reuniões ocultas dos “confrades”, nos *solstícios* e *equinócios*. Destes *sodalícios* socráticos faziam parte os banquetes.

Diz ele que “Nessas reuniões, não se embaraçando com os cultos nem com as leis da sua pátria, os ‘confrades’ discorrem, *com a maior liberdade*, das coisas sagradas, como se lhes chama, e das profanas, pondo de parte, previamente, *certos preconceitos*.”

Ora, diz Claude Jannet, “os rituais destas reuniões são quase exactamente os mesmos das sessões de mesa das lojas actuais”¹. A autoridade civil e a autoridade religiosa são ali designadas com os nomes de tirania e superstição, sendo necessário substituí-las pela “verdade” (?) e pela “liberdade” (?). O fundo da doutrina é constituído pelo panteísmo e pela moral independente.

Diz o *Pantheisticon* que “muitos membros desta sociedade se encontram em Paris, outros em Veneza, em todas as cidades

¹ *Les Précurseurs de la Franc-Maçonnerie*.

holandesas, principalmente Amesterdão...; o maior número, porém, em Londres.”

Outros indícios confirmam estas confissões secretas. Havia nesta época, em toda a Europa, grupos ocultos que eram focos de anti-cristianismo, e cujo centro principal estava em Londres.

Os deístas ingleses eram portanto verdadeiros sectários;

2. *Sectários do século XVII – Rosa-Cruz* – Existiam sociedades secretas em diversos países da Europa, neste século. Assim o atestam numerosos documentos. Aqui e ali assinalam-se personagens misteriosos, que passam de uma para outra cidade, viajam por toda a Europa e em toda a parte encontram amigos que os protegem. A influência de que gozam, escreve Deschamps, indica “que outras forças estão em jogo” e com eles trabalham. São, efectivamente, os agentes de conspirações urdidas contra a religião e a ordem social.

- *Espinoza* (1623-1677), filho de um judeu português que se passou ao protestantismo, espalhava em pleno século XVII as doutrinas que a maçonaria propagava no século seguinte – um panteísmo arrancado a certas escolas rabínicas;

- *Comenius* (1592-1671) viaja pela Alemanha, pela Inglaterra, por Veneza, e morre em Amesterdão. Havemos de encontrar mais tarde este sectário, que semeia por toda a parte, no século XVII, os gérmes da heresia e da revolta;

- *Os Rosa-Cruz* – No princípio deste mesmo século aparece na Alemanha a seita dos Rosa-Cruz, fundada por Valentim Andréa, pastor protestante, neto de um dos primeiros reformadores.

Por meio da magia e da alquimia, segundo dizem, os *Rosa-Cruz*

sabem prolongar a vida humana e transmutar os metais. Pelos seus processos, o *tríplice diadema do Papa* não tardará a ser *reduzido a pó*.

No fundo, o seu desígnio é destruir a Igreja de Roma; Naudé, em 1623, desmascara-os, publicando uma *Instrução à França sobre os irmãos Rosa-Cruz*.

Vendo-se descobertos, publicam escritos para negar a sua própria existência, mas debalde. Richelieu, bem informado, fala deles nas suas *Memórias*, em 1624, remetendo os leitores que desejarem pormenores para o padre Gauthier, jesuíta (1560-1636) autor de uma *Table chronologique de l'état du christianisme*, com um *relatório* sobre as heresias desde a sua origem. Na edição de 1626, o padre Gauthier nomeia com efeito os Rosa-Cruz, analisa um dos seus manifestos, e conclui assim: “esta pretensa fraternidade é um rebento de luteranismo, mesclado por Satanás de magia e empirismo para melhor embair os espíritos volúveis e curiosos.”

Os Rosa-Cruz propagam-se em Inglaterra no século XVII;

3. *Sectários protestantes* – Escreve Claude Jannet que “Uma série de indícios muito graves é de natureza a fazer atribuir aos primeiros reformadores, senão a criação da franco-maçonaria, pelo menos a organização de grupos secretos, comunicando entre si o desígnio de derrubar completamente a sociedade cristã”.

Os Anabaptistas “cobriram a Alemanha, a Holanda e a Inglaterra das suas sociedades secretas”. Tinham “todos os princípios religiosos e civis da Maçonaria.”²

² Janssen, *Histoire du peuple allemand depuis la fin du moyen âge*. – Weill, *Hist. de la grande guerre des paysans*.

Em 1574 aparece na cidade de Génova um libelo de Theodore de Béze, intitulado *O despertador dos franceses e seus vizinhos, composto por Eusèbe Philadelphie Cosmopolite, em forma de diálogo*. Diz Claude Jannet que esse libelo “sustenta a tese da soberania popular, no que ela tem de mais absoluto. Induz Isabel a desfazer-se de Maria Stuart, e exorta os franceses a proclamarem a República e a matarem o seu rei.”

Por meio de numerosas citações, M. Kervyn de Lettenhose mostra nos *huguenotes e pedintes* que, no último terço do século XVI, os ministros calvinistas sustentavam os princípios da *igualdade social* e da *mais avançada soberania popular*, trabalhando para a implantação de uma república federativa em toda a Europa.

Numa obra que obteve o prémio do Instituto no ano IX, diz M. de Villers que a Franco-Maçonaria se formou em Saxe entre os adeptos da Reforma, e que o *signal de dor* usado por eles permitia que se “reconhecessem e poupassem nos campos de batalha.”³

No século XVI, um grupo activíssimo de protestantes é o dos *Socinianos*. Feller e o abade Lefranc atribuem-lhe a fundação da Franco-Maçonaria.

Estes sectários negavam a SS.^{ma} Trindade, a Divindade de Jesus Cristo, as penas eternas do Inferno. Os *Independentes* applicavam à sociedade civil as doutrinas socinianas, hostis a qualquer autoridade regular; pretendiam que o reino de Cristo consistia em tornar todos os homens iguais sobre a Terra.

³ *Essai sur l'esprit et l'influence de la Réforme de Luther.*